

A
N
D
A
N
Ç
A
S

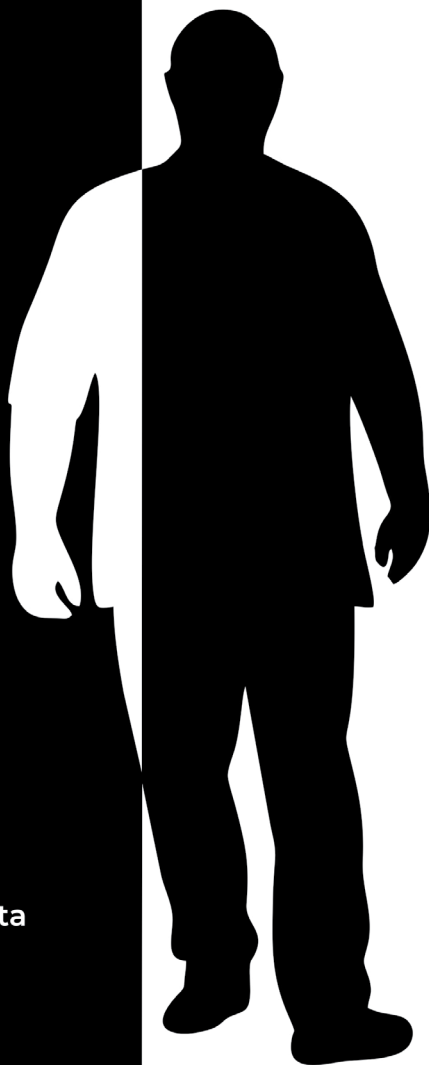
Ton Araxá
Carteiro e Poeta

G=STALT
EDITORA COMPLETA



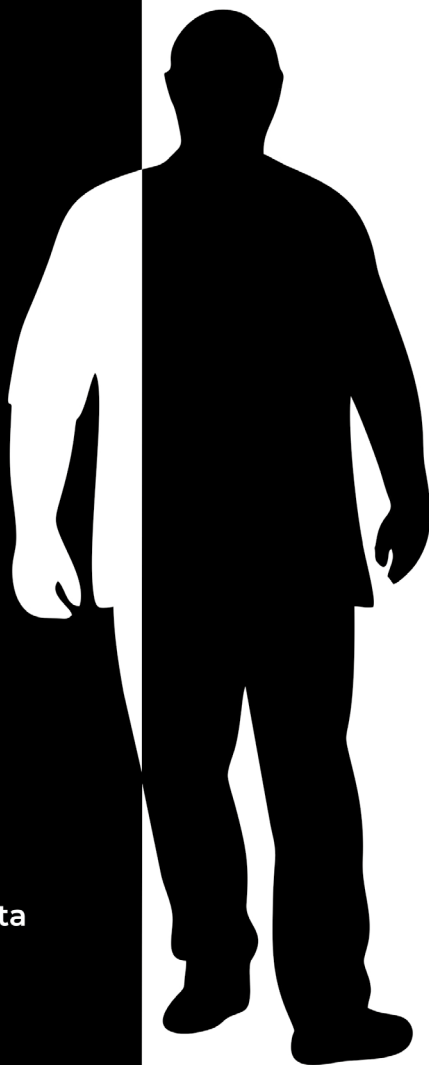
A
N
D
A
N
Ç
A
S

Ton Araxá
Carteiro e Poeta



A
N
D
A
N
Ç
A
S

Ton Araxá
Carteiro e Poeta



GESTALT
EDITORA COMPLETA

Título:
Andanças

Copyright © 2022 by Ton Araxá

Editora:
Gestalt Editora

Autor:
Wellington dos Reis Silva (Ton Araxá)

Coordenação editorial:
Luiz Humberto França

Revisão:
Rafael Nolli

Diagramação:
Daniel Nery

Capa:
Rodolfo Scalon

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
Sem o consentimento por escrito do autor.

1ª Edição - 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Wellington dos Reis
Andanças / Wellington dos Reis Silva. -- Araxá, MG
: Gestalt Editora, 2022.

ISBN 978-65-999439-0-4

1. Poesia brasileira I. Título.

22-138638

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Inajara Pires de Souza - Bibliotecária - CRB PR-001652/0

SUMÁRIO

Cap. 1 - Pique-esconde	21
Reencontro	25
Cap. 2 - Encarando novos caminhos	29
Releitura.....	35
Cap. 3 - Os Catadores	39
Rotina	43
Cap. 4 - Em busca da felicidade	45
Cartas nas Garrafas	49
Cap. 5 - A chave da Felicidade	53
Tem mais “lá”... ..	61
Cap. 6 - A “sapataria”	65
Transformação	69
Cap. 7 - Em frente ao meu portão	73
Esperança	77

Dedicatória

Para minha esposa Viviane Pereira Gomes e Silva, companheira de escrita dos meus melhores capítulos.

Para as nossas filhas:

Dayanne Aryadne Gomes e Silva,

Francielly Estefhane Gomes e Silva

(os capítulos em questão).

Aquele que passou por este mundo e deixou uma semente não viveu em vão.

Agradecimentos:

Dois personagens que, por força do “autor maior”, já não estão nesta história terrena, foram primordiais para as minhas Andanças: Dirceu Alves Ferreira e Antônio Nogueira Lima.

Dos seus incentivos e admiração, moldei muito dos passos desta caminhada.

Dirceu não merece um ponto final, no máximo, uma reticência...

Toninho, “um verdadeiro samba enredo”, foi a harmonia e o ritmo dos meus passos.

Aos dois, um poema de gratidão:

Confetes e Serpentinhas

Foram-se os assistas embora para casa

Voltam a ser humanos normais.

Deixam de ser deuses, reis e rainhas

Acaba a dádiva de serem imortais.

Fica pra trás o amor impossível

Que possível se fez no refrão entoado

Deixa um vazio, um espaço indevido,

um canto sem ritmo e desafinado.

Sobra cansaço,
Sobra nostalgia,
Fica a sensação que a vida acabou.
Mas também sobra um riso,
Um pouquinho de alegria,
Uma dose pequena que ninguém levou.

Varrem-se os salões,
Lavam-se as avenidas
Para que tudo pareça voltar ao normal.

Nenhum confete,
Sequer uma serpentina
Termina um sonho chamado carnaval.

Agradecimento especial

À amiga, inspiradora e responsável pelo caminho, Leila Ferreira.

Pessoa que aprendi a admirar por sua coragem em ser verdadeiramente ela mesma, sem maquiagens, filtros ou qualquer tipo de falsidade.

Sua verdade é algo tão especial que, às vezes, assusta quem de fato não a conhece.

Gratidão por esse e outros caminhos que eu ouse colocar em minhas Andanças.

PREFÁCIO

Conheci o Ton primeiro como carteiro. Numa longa temporada que passei em Araxá, eu me lembro que ele tocou a campainha da minha casa numa tarde de calor extremo, e me entregou a correspondência com um sorriso de todo o tamanho – apesar do calor e dos sinais visíveis de uma gripe que o estava castigando. Sua gentileza e simpatia (dois ingredientes cada vez mais raros nos nossos dias) me chamaram a atenção e eu o citei como exemplo de profissional numa palestra que acabei fazendo pouco tempo depois na Superintendência dos Correios, em Brasília. Ton ficou sabendo e nós nos tornamos amigos. Foi quando eu descobri que ele gostava de escrever e amava os livros. Seus olhos sempre brilhando ao acompanhar cada edição do Fliaraxá eram prova incontestante disso – e uma vez tive o prazer de fazer um bate-papo com ele dentro da programação do festival. Comecei a ler seus poemas e crônicas, a acompanhar seu trabalho apaixonado em prol da leitura, e agora tenho a alegria imensa de escrever a apresentação de seu primeiro livro.

“Andanças” é, antes de mais nada, o testemunho de alguém que celebra a vida. Que se deixa “inundar” em suas caminhadas, como ele mesmo diz, por “essa coisa chamada esperança”. Não é o otimismo ingênuo dos que se negam a reconhecer o que dói e o que nos faz sofrer. Ton caminha com os passos firmes de quem sabe que viver é transitar entre a luz e as sombras, a felicidade, que ele busca com determinação, e a melancolia. Seus deslocamentos como carteiro e como poeta são guiados pela mesma sensibilidade e pelo mesmo olhar atento de quem se recusa a simplesmente passar pela vida.

Cada pessoa merece ser de fato conhecida, cada cena pede para ser realmente vista e cada esquina pode trazer uma história. Um voo de pássaros, uma antiga sapataria, o diálogo surpreendente com um chaveiro, uma brincadeira de crianças, um mergulho dentro de si mesmo, uma lembrança nostálgica, as lições do caminho... cada andança é traduzida em palavras e cada palavra é carregada de sentimentos. Ton não tem medo de sentir. Abraça a vida e nos pede para fazer o mesmo. Faz e refaz suas rotas e nos incentiva a prosseguir - sem medo de eventualmente retroceder. Afinal, “voltar continua sendo caminhar”, e cada passo nos lembra que estamos vivos.

Andei com você por estas páginas, meu amigo. Caminhei por ruas que andavam esquecidas. Avancei e retrocedi. E é por isso que deixo aqui um pedido: que suas andanças continuem produzindo frutos. Que este seja apenas o primeiro livro. Coloque-o na estante de sua recém-inaugurada biblioteca num lugar bem visível. Livros são filhos e, como os filhos, é bom que estejam sempre ao alcance do olhar e das mãos. E siga espalhando seu testemunho de amor pela leitura. Conte pra todo mundo que, quando a gente lê, a gente se sente menos só. E não é disso que precisamos, neste mundo tão carente de afeto? Que as palavras nos confortem, nos ajudem a construir sentidos. E que nossas estantes se multipliquem.

Leila Ferreira

Escritora e Jornalista.

Nasci em junho de 1974, em plena copa do mundo de futebol. Minha mãe sempre me contou que quase não nasci, pois o médico não queria perder o jogo que a televisão mostrava na hora do meu nascimento...

Ela queria que eu me chamasse Hugo, mas meu pai escolheu Wellington e assim me registrou...

Acabei virando “Ton”, rebatizado assim desde pequeno por minha irmã mais velha Adriana.

Desta família que sempre foi de contar histórias, herdei esse amor de também contar as minhas...

Assim sendo, esse livro é dedicado a toda a minha família, em especial ao meu saudoso avô paterno José Otaviano, com certeza o primeiro a me fazer enxergar esse dom.

Andanças...

O substantivo feminino em questão, que dá título a este primeiro livro (e sinceramente anseio por inúmeros outros), foi escolhido de forma quase que instintiva, após o possível amadurecimento para tal.

A flexão no plural é intencional, pois representa muitos passos dados até aqui.

E como escrever tem sido meus passos durante esse trajeto chamado vida!

Sempre gostei de colocar no papel retalhos dos meus pensamentos, partes dos meus sonhos e um bocado exagerado de reflexões que possam fazer o parar para pensar...

Essa intenção só será alcançada se o leitor, a cada mergulhar nesta obra, fizer a sua parte: levar verdadeiramente um pouco de mim para si.

Porém, é imprescindível ressaltar que as Andanças até aqui sempre foram feitas com um respeito canônico à estrada, principalmente, com um olhar minucioso e observador em cada motivo que me fez com que eu me encantasse pelas margens.

Se quiser um bom motivo para continuar

Olhe para a estrada

Ela não terminou.

Aquilo que tanto espera,

Que o fez chegar até aqui

Pode, quem sabe, já estar no próximo trecho

Na curva à frente.

Só existe um jeito de descobrir...

Comece com o primeiro passo.

Pique-esconde

Em uma rua ainda de terra, recheada de obstáculos e trincheiras que se estendiam por todos os lados, acontecia diariamente a brincadeira em questão.

Nunca se soube quem ensinou a quem, de onde vinha aquela tradição e muito menos como foram constituídas e organizadas as suas regras. Na verdade, o que parecia é que todo mundo já nascia sabendo da brincadeira.

O mais interessante é que muitos já contavam até trinta ou cinquenta (dependendo da rapidez do cérebro) sem mesmo ainda terem ido à escola... como pode?

Os mais novos, num primeiro momento, eram proibidos de brincar, pois sempre apareciam antes da hora ou se escondiam em lugares muito fáceis.

Porém, as mães sempre obrigavam que se deixasse os pequeninhos participarem. Aí, os maiores combinavam entre si que “eles não valem” e, assim, a brincadeira seguia dia afora.

Alguns pareciam conter um poder de invisibilidade, pois nunca eram achados pelo responsável da procura. Eram tão poderosos, que poderiam estar escondidos bem pertinho da base, ou mesmo a quilômetros, que quase nunca eram encontrados.

De vez em quando, os esconderijos mais secretos deixavam de ser seguros, devido à repetição de escolha, pois eram sempre os primeiros a serem

vasculhados e, assim, perdiam o tal poder da invisibilidade.

Era uma brincadeira sem conceitos, nem preconceitos.

Todos podiam brincar. Meninos, meninas, mães, pais, tios e tias, irmãos, primos, os da rua de cima, os da rua de baixo...

Muitas vezes a brincadeira ganhava a noite, tornando a emoção maior. Afinal, as trevas traziam um ingrediente a mais: o medo!

Incontáveis motivos surgiam também como pretexto de desavenças. Era normal ir dormir de mal com o amigo, com a certeza de nunca mais nem se olharem.

Porém, bastava uma noite de sono para se apagar da memória a raiva, o ódio, enfim, aqueles sentimentos que pareciam transformar a nossa essência em algo ruim.

Ninguém tinha essa índole. Brincar novamente no outro dia era mais atraente e especial que qualquer desavença do dia anterior.

Esconder, como brincadeira, sempre foi uma das melhores estripulias de qualquer criança.

Porém, ao nos “adulteceremos”, essa artimanha muitas vezes é usada de forma indevida: escondemos nossos sentimentos, passando a sermos falsos em muitos momentos da vida; desistimos da procura do mais difícil, que poderia ser a resposta que almejamos para os problemas; contamos devagar demais o tempo para ir ao encontro dos objetivos e, quando percebemos, o tempo passou; chegamos a desistir da brincadeira - agora, se brigamos com os amigos,

uma noite já não basta para perdoarmos ou recebermos o perdão.

É necessário visitar a nossa essência, talvez encontrarmos a nós mesmos para que a brincadeira que se estendia até o anoitecer, nos ensine como enfrentar os obstáculos, os medos e as desavenças que a vida possa oferecer.

Mesmo que não seja mais uma brincadeira, as regras e os ensinamentos de criança ainda podem nos nortear para que achemos, ou sejamos achados, agora na fase adulta.

Se descobrirmos de novo o jeito de brincar, independentemente de sermos quem procura ou quem esconde, estaremos novamente com o mais importante e primordial: a tal felicidade, seja para brincar ou para viver.

Reencontro

Passei por mim outro dia, porém não parei para conversar.

Com a correria em que ando ultimamente,
Falar comigo mesmo seria tomar demais meu tempo.

Pode ser que nem ficasse a contento,
E que depois eu chorasse o tempo perdido em me ouvir.

Sei que iria falar dos meus projetos,
Das dificuldades que ando tendo em entender o ser humano,
que insiste em se desumanizar.

Isto feito a todo instante,
Em cada esquina, no comércio local, na viagem de férias, no trabalho.

Ah! São tantas as proezas para essa desumanização que evito listar.

No entanto,
Deveria ter administrado melhor esse tempo.

Devia ter parado, sentado comigo num banco de alguma praça,
Ter me ouvido...

Sinto, pesaroso agora,
Não ter dado pitacos em algumas atitudes.

Errei.
E sei que faz parte também errar.

Mesmo assim, não deveria ter desperdiçado a chance.

Poderia ter dado apoio e incentivado na compra daquele livro, ou daquela camisa que olhei tanto na vitrine.

Poderia ter me orientado
Para não dizer aquelas palavras durante uma discussão familiar,
Ter chorado em vez de camuflar a tristeza.

Enfim...
Poderia ter me falado tantas coisas...

Ter ouvido a mim mesmo,
Ter rido, chorado, ter abraçado,
Ter sido a mão que tanto procuro,
Ter feito um poema em parceria comigo mesmo.

Mas hesitei,
passei por mim
E deixei-me ir...

Sem nenhuma palavra, nem um olhar, sequer um esbarrão.

Vou andar mais pelo mesmo caminho,
Atento, observando cada movimento em minha direção.
E, desta vez, não deixarei escapar a oportunidade de me conhecer,
De me decifrar,
De me questionar e entender o porquê da razão

dessa chance, desse reencontro.
Afinal,
Ainda temos muito dentro de nós daquela criança
que fomos um dia,
Que fazia estripulias e brincava sem medo na rua.
Porém, temos que reaprender a brincar de esconde-
-esconde
Para, de vez em quando,
Achar,
Ou sermos encontrados por ela.

— 2 —

Encarando novos caminhos

Hoje parei para pensar sobre os erros. E como os cometemos durante a nossa caminhada.

Porém, sem ficar frustrado ou decepcionado com eles (os erros). Aliás, muito pelo contrário, através de muitos desses erros e passos em falso, aprendi a dominar meu caminho e seguir de forma segura essa estrada que se estende para mim.

Uma coisa me chamou a atenção durante minha reflexão: como é difícil saber que acertamos.

Sempre que fazemos algo correto, de imediato nos vem a pergunta: será que isso está certo? Essa dúvida de ter feito o certo vai nos acompanhando até que de alguma forma consigamos a confirmação do sucesso.

No entanto, quando fazemos algo errado, quase que no mesmo milésimo de segundo dizemos (nem que seja para nós mesmos): ih, fiz bobagem!

Começamos a nos culpar, a nos flagelar por causa do ocorrido.

Isso, que num primeiro instante parece ter sido a pior das coisas do mundo, é o que nos faz parar e pensar como consertarmos o erro cometido.

É exatamente nesse momento que se dá orgulho de sermos seres humanos, na verdade mais humanos que seres.

Humanos capazes de, frente a um obstáculo, criado por si próprio, fazer dele um trampolim para

conseguir transpô-lo.

Humanos capazes de, na hora da derrota, achar forças para continuar seguindo, mais experientes e preparados para novas batalhas.

Humanos capazes de, depois de uma dose de merecimento e de perdão, transformar sentimentos como a raiva e o ódio em Amor.

Assim vamos vivendo, errando e acertando, chorando e sorrindo, ganhando e perdendo.

Mas com a certeza de que nada, nada mesmo, é capaz de nos parar. Basta continuarmos a caminhada.

Os erros que porventura cometermos nos trarão lições que nos darão num momento seguinte a capacidade humana de revertê-los e aprendermos com essas falhas tão importantes para que possamos prosseguir.

Nem sempre a estrada estará em boas condições. Nem sempre estamos dispostos a mudar nosso caminho, talvez por acomodação, talvez por medo de errar o percurso, talvez até por simplesmente achar que não seríamos capazes de enfrentar outros terrenos.

Isso até pode ser válido, mas se a estrada nos oferece alguns caminhos opcionais, quem sabe nossa caminhada não seria melhor, ou será que não?

Bom, a dúvida é exatamente o ponto onde eu queria chegar.

Quantas vezes nos pegamos naquela ansiedade e num quase desespero por não saber se devemos arriscar, tentar de outra forma, fazer diferente?

Essa angústia só tem dois fins possíveis: desistimos dessa história de caminhar onde não conhecemos (nem sempre com a convicção de termos tomado a decisão certa), e o outro, encaramos o novo desafio para ir nos adaptando e nos moldando para a nova caminhada.

A segunda opção me parece ser a mais válida. Claro que isso não é nenhuma receita de sucesso.

Devemos entender que os novos trechos sempre nos apresentam uma nova margem, e até os novos obstáculos nos ensinam uma nova forma de vencê-los.

Fora a possibilidade de fazer novos companheiros de caminhada que tanto poderão nos ensinar e nos ajudar a seguir o novo trajeto.

Se achar errado o novo caminhar, volte!

Sem se esquecer que voltar continua sendo caminhar.

Cada passo dado tem o seu motivo de deixar rastros. Nem sempre as coisas virão prontas como mapas de tesouros ou manuais de instrução.

Ainda existem muitas coisas que se apresentam para nós de forma codificada.

O que parece ser um erro hoje pode ser encarado como acerto amanhã.

Também o contrário poderá ocorrer. Não desanime. Não tema.

A beira do precipício pode significar duas coisas: o fim do caminho, ou o começo do voar. Nem sempre o sol vai brilhar logo pela manhã. Mas isso não significa o fim do seu brilho. Até porque nós sa-

bemos que ele está lá, esperando o momento certo do abrir das cortinas para começar o seu espetáculo. Só temos essa certeza pelo conhecimento de causa. Mesmo não o vendo, ao olharmos o céu no início do dia, pelo histórico de sua presença em nossas vidas, não tememos por nenhuma fração de segundos ficar sem o seu brilho e o seu calor. Isso tem uma explicação: confiamos no que acontece rotineiramente em nossas vidas...

Nem sempre vamos sorrir durante a nossa caminhada.

Mas isso não significa que a alegria acabou.

Até porque nós também sabemos como sorrir. Porém, diferentemente do sol, que aguarda o céu limpar para aparecer, o sorriso, nem sempre tão rotineiro em nossas vidas, não depende do céu estar limpo.

Mesmo no mau tempo, com nuvens carregadas, um simples olhar, um rápido encontro, até mesmo um pensamento guardado é capaz da mágica de nos fazer sorrir.

Se brincarmos, chegamos a gargalhar em bom tom, sem pudor nenhum, chegamos a ficar sem ar de tanto rir.

Claro, isso também tem uma explicação: mesmo não sendo tão rotineiro em nossas vidas como o brilho do sol, o sorriso, do qual também temos o conhecimento de causa, transmite brilho e calor independente do nosso estado, pois podemos estar na mais profunda depressão, na mais infinita tristeza, no pior dos momentos.

Se conseguirmos buscar o sorriso (que sabemos onde está), tudo se transforma. Assim, até as

nuvens carregadas são capazes de sumir para dar uma brechinha ao sol.

Todos nós somos capazes disso. Basta tentar, basta ousar, acertar e errar. Dependerá de como você encara cada um dos seus momentos.

E acredite: aquele que lhe concedeu os pés, caso necessite, também lhe dotará de asas!

Releitura

Tenho revisto algumas atitudes,
Repensado alguns passos,
Mas sem abandonar a estrada,
No máximo, explorado um ou outro atalho,
Sem abandonar a via principal, o caminho já pisado,
Que embora desconhecido
Já fora explorado por pés que acredito terem um
norte coerente,
Ainda que indecisos no trocar os lugares um com o
outro.

Tenho acordado mais cedo,
Antes do sol aparecer
Ou sumir
Do outro lado da bola gigante
Onde quem destoa do meu descanso
Algumas vezes como eu
Se revolta
E inverte os polos do cérebro.

Dormimos acordados
Sem mover um só nervo do corpo
Quando deveríamos lutar incansavelmente pelo que
nos revolta.

Outras vezes
Deixamos tudo a contento,
Nos realizamos em tudo que vemos.
Cada tela aos nossos olhos
Mesmo com os traços irregulares
Nos parece entendível
Embora ainda estajamos com os olhos fechados
E o sono esteja longe do seu despertar.

Ando bebendo mais água
Não sei se a potável
Pois contrariando sua essência
Cada gole tem um gosto diferente
Impossível de classificar,
Nem boa, nem ruim
Continua líquida
Já que ainda não conseguiram deixá-la como ten-
tam insistentemente
Dura como pedra.

Tenho lido livros de filosofia
Só pelos sofismas
Meu mundo real que habito com o meu imaginário
E brinco com o sofismar como aqueles brinquedos
de criança
Tijolinhos de encaixe com que monto um mundo só
meu
Mas que deixo poucos escolhidos visitar
Menos o porão
Onde os segredos envelhecem junto ao vinho
para serem saboreados só em ocasião especial
se um dia houver.

Tenho ouvido outras religiões
Só por gentileza mesmo
Sem deixar de acreditar na minha
Ou desacreditar, como de costume nas horas da
minha fraqueza.

Mas continuo não discutindo sobre esse assunto
Nem futebol
Nem política
Nem o gosto por alho e cebola no tempero,
Sem pimenta
Com crença nos santos e respeito aos espíritos
Com adoração ao sal,

Mesmo que não o marinho
Consumindo os conservantes
Como se fossem naturais
Colhidos na horta dos grandes e pequenos super-
mercados

Sem ou com culpa
Sem ou com razão
E também não discuto sobre o assunto.

Quando acho que me reinventei
Quando me deparo com um novo ser
Eis que surge o sentimento
a dúvida antes dessa releitura.

Se necessário for,
hei de comparar.
E talvez fazer alguns ajustes,
algumas adaptações.

Aí...
Te conto depois
Pois provavelmente outro eu de mim devo descre-
ver
Muito parecido com o outro
Que ainda estou para conhecer.

Os Catadores

Acordei cedo e, como de costume, liguei o rádio para ouvir o programa favorito da manhã. O sol ainda não aparecera e o passarinhar soava como a melhor trilha sonora para o despertar.

Um espreguiçar calculado e, ao longe, um berro triste e longo, de uma criança chamando por sua mãe. Feito esse também cronometrado e pontual, como lavar o rosto e fazer a minha higiene bucal. Tudo caminhava para a rotina habitual, quase sem surpresas.

Saí lá fora, para deixar meus restos diários na lixeira, separadamente: em um plástico azul, os recicláveis; no outro, preto, os orgânicos.

Ao observar o tempo, tentando acertar a velocidade do vento, o risco de chuva, a intensidade do calor (coisa de quem nunca acredita nas previsões meteorológicas), percebi um catador de tesouros revirando os meus descartes. Ele insistia em procurar também no plástico negro, contando com um erro meu durante o separar.

Na sua carroça, já cheia de relíquias, um amontoado de matérias-primas para uma possível alquimia: garrafas das mais diferentes marcas e efeitos, que devem ter sido o motivo de boas risadas e talvez alguns desacertos; partes de um espelho que, presumo, presenciou tantos momentos íntimos e tanto embelezar, mas nunca deixou escapar um só reflexo para fora daquele possível esconderijo; partes de um sofá, pedaços de madeiras, jornais com notícias sen-

sacionalistas devoradas como banquete, e crônicas tão bem escritas, mas sequer degustadas; brinquedos aleijados por uma ou mais partes, lâmpadas sem o poder de brilhar, fotos de uma revista de fofocas, canos de PVC... enfim, uma infinidade de possibilidades.

Dali, talvez, ele tirasse novas obras de decoração; talvez, uma meia dúzia de pães e um litro de leite para enganar uma fome de dezenas de anos; talvez, o triste sustento para um vício adquirido na adolescência, quando fora rejeitado pelo pai e abandonado pela mãe.

Não! Não poderia julgá-lo, jamais uma condenação.

Eu também procurava o reciclar: quantas vezes tentei moldar das palavras ditas, durante minha revolta, uma oração do perdoar, da raiva momentânea por algum insucesso, ou falha mesmo, durante o caminhar, construí atalhos e acessos com belos jardins à margem, que também me levaram ao destino pretendido.

Reinventei afetos, adaptei afagos e do restante embrulhei pequenas porções de esperança, para deixar como lembrança a quem quer que mereça.

Alardes foram muitas vezes pintados de silêncio, das palavras engasgadas, presas nas cordas vocais, escrevi canções que não fizeram sucesso, mas sei cantarolar todas elas...

Quantas vezes busquei nos restos que achara, e nada encontrei.

Ofereci um café ao parceiro de descobertas,

que tomou e agradeceu quase ao mesmo tempo. Sorriu e seguiu em busca de novos tesouros.

Levou, como eu segurei, expectativas, possibilidades...

E nós dois, ele, o Catador de Sonhos, e eu, Operário do Escambo de Sentimentos, nos reconhecemos um no outro, nas íris desenhando o mesmo olhar.

Nos prometemos, no próximo amanhecer, recomeçar e buscar nossos materiais, independentemente de estarem separados.

Fuçar, inclusive, nos plásticos escuros, onde nada se vê, porém, bem cedinho, antes que o caminhão de coleta passe e misture restos e sentimentos recicláveis com os perecíveis e não seja mais possível o separar.

Eu e o Catador. O Catador e Eu.

Rotina

Ao buscar o horizonte pela janela ao amanhecer,
outra vez se faz presente o meu ontem,
meu anteontem e meus dias atrás.

Vejo pessoas apressadas,
Quase que correndo
Como trilha de um formigueiro em plena busca.

Trocas de olhares são esquecidas
como bula de remédio lida pela metade
“Embaixo do santo”.

Gentilezas trancadas a sete chaves
Como segredos inacessíveis
Que, porém,
Seriam capazes de anular a caminhada.

Sorrisos petrificados
Que nem chegam a esboçar um sentimento.
Se vistos, assemelham-se a mais uma obrigação
necessária
Como o piscar de olhos,
Feito quase sem a percepção da sua real importância.

Corrida desenfreada por um propósito
Que sequer fora rabiscado.
E sucessões de improvisos
Nas desculpas pelas decepções.

Nada de bom dia,
Tampouco um olá desprezioso

Flerte, então...
Parece coisa abstrata
Coisa de escritor de romances que nunca existiu.

Fecho como outrora minha janela,
Assim como outras são fechadas ao mesmo instante.

Continuo os passos
Que simetricamente se encaixam
Nas velhas pegadas existentes
E sigo...

Com o meu personagem
Para a trama diária
Sabendo de cor as falas
Que tanto dignificam ou apagam o meu papel.

Em busca da felicidade

Despertou mal-humorado. Só lembrava de parte de um sonho sem sentido, que misturava acontecimentos do dia anterior com fatos e pessoas que nem imaginava quem eram. Olhou no canto da cama, a companheira ali, num sono que parecia realmente descansar quem havia vencido uma batalha, verificou o quarto das crianças e, como sempre, depois de muitos atos de contorcionismos, o cobertor já não cumpria sua missão.

Decidiu então abandonar tudo: casa, esposa, filhos, até o cachorro, fiel companheiro há anos. Saiu sem deixar rastros, nenhum bilhete.

Prometera a si mesmo só voltar (se voltasse algum dia), quando achasse, adquirisse, comprasse, roubasse... enfim, só se daria ao luxo de viver ao lado das pessoas que amava, se pudesse dar a elas um pouco de felicidade, algo que já estava extinto entre eles.

Estava agora envolvido com um sentimento novo, algo mais que a coragem, algo maior que a determinação.

Andou por três ou quatro quarteirões e viu durante este trajeto as mesmas coisas de sempre: a mulher, que provavelmente se levantara ainda de madrugada, varrer a rua que insistia em se sujar todos os dias; o senhor, fazendo sua caminhada diária, com aquele conjunto de moletom horrível, a passos rápidos e sem destino, pois mais parecia uma marcha olímpica sem faixa de chegada, tamanha falta

de vontade com que executava os movimentos; o lixeiro. E viu ainda, a moça bonita que merecia um olhar especial, o menino correndo atrasado para a aula, sendo xingado pela mãe (até as palavras para azucrinar o peste eram as mesmas, no mesmo tom de sempre).

Parou, e viu que sua busca seria em vão...

Percebeu que todos eram infelizes, automáticos com a própria circunstância que as vidas lhes propuseram. Ninguém mais conseguia mudar nada. Todos, não só ele, eram reféns da rotina programada e irreversível (tentou dar um tom científico a sua descoberta), mas independente do nome daquilo, sabia o seu significado: era a anti-felicidade. Notou que a busca pela felicidade era o que fazia todos viverem, mas era uma busca em vão, afinal, procuravam algo que não existia.

Parou em frente ao portão de casa, encarnou a derrota e se viu novamente fazendo parte daquele teatro. Era hora de voltar a encenar.

Abriu o portão e levou um susto: a esposa o abraçava aos prantos, forte, como há muito tempo não fazia.

Começou uma enxurrada de perguntas:

— O que houve, meu amor? Sentiu mal? Fala comigo, por favor, o que aconteceu para você sair assim, sem falar nada?

Estranhou a atitude da companheira, pois, por mais que tenha saído para uma expedição que poderia levar séculos para terminar, devido a sua descoberta, tudo não levou mais de meia hora, com certeza.

— Calma. Calma — disse-lhe, mais para que passasse de falar tantas coisas ao mesmo tempo, do que a vontade mesmo de explicar a realidade, a descoberta que acabara de fazer sobre a incapacidade de sermos felizes.

— Por que tanto chororô? Já estou aqui, não estou?

Antes que a mulher tentasse falar mais alguma coisa, foi subitamente jogado ao chão. O cachorro, num salto em sua direção, encheu-lhe de beijos (lambidas) e latia como se estivesse há anos sem ver o amigo.

Brigou com o coitado, se recompôs, e em seguida ouviu algo que mudou sua vida:

— Meu amor — começou a esposa —, fiquei muito preocupada com você. Hoje, pela primeira vez, depois destes nossos vinte e tantos anos de convivência, saiu da cama sem sequer me dar um beijo, algo que jamais me negou. Achei estranho, corri no quarto das crianças pois acreditei que deveria ter acontecido algo, que uma delas deveria ter te chamado, porém notei que passou por lá, e não as cobriu, como faz todos os dias. Deixou-as sem o calor, não dos cobertores, mas sem o calor da sua preocupação, e isso sim deixou-me com medo. Medo de estar fazendo algo de errado, medo de não estar sendo uma boa esposa, uma boa mãe, enfim, medo de te perder, meu amor. E acredite... não saberia o que fazer. Pois, se te perder, eu perco a minha felicidade.

Voltou o seu olhar para a rua, tentando esconder as lágrimas.

Reparou que a mulher que varria a rua canta-

rolava uma linda canção. Mesmo que desafinada, era uma linda canção. O moletom do atleta não era tão feio assim, percebeu que aquela caminhada tinha sim um intuito, que já se via nos quilos que o indivíduo perdera e, sem que percebesse, insistia em usar aquele moletom que já estava num número acima, devido ao seu sucesso. Lá adiante, na esquina, reparou que a mãe que ralhava com o atraso do menino agora o levava no colo e enchia-o de beijos.

Outra vez foi surpreendido por um, um não, dois abraços fortes: seus dois filhos, que já vinham lhe pedir a “bença”, implorando para que ele pegasse as escovas de dentes e colocasse aquele creme dental:

— O que não arde, pai.

Acabara de entender tudo!

No olhar, devolveu a calma para a esposa que, mesmo sem explicações, entendeu seu recado.

E agora, com um sorriso lindo e encantador, deu-lhe permissão para que acompanhasse os filhos na missão diária que se iniciava, não só a missão de escovar os dentes com o creme que não arde...

Mas a especial e essencial missão de ser feliz!

Cartas nas Garrafas

Lançadas na primeira brisa da manhã
Mares, lagos, rios e poças
Qualquer movimento hídrico que as motive
E as faça repousar ao entardecer
Frente ao destinatário que tanto esperou

Convites de aniversários
Mensagens para homenagens
Festas de debutantes
Casamentos e divórcios
Até funeral

Letras graciosas
Desenhos nos cantos
Legíveis e ilegíveis
Códigos a serem decifrados
E mapas com um X indicando o achado

Poesias bem construídas
Talvez, alguns versos desconexos
Manchetes de jornal antigo

E folhetos da missa de domingo
Verbos, substantivos, adjetivos em abundância
Muitos pontos de exclamação
E um amontoado de reticências...
Porém, escassez de pontos finais
Que inutilizam a viagem

E o mais importante:
O endereço do remetente
Que espera ansioso
No repouso do entardecer
Frente aos mares, lagos, rios e poças
Um único movimento que o motive
E o faça ter coragem de arrancar as rolhas
Para que possa enfim
Depois de postas em todas as garrafas

Na primeira brisa da manhã
Lançar as cartas
Que escrevera
Mas nunca deixou que ninguém as lesse
Por medo ou proteção

Ou quem sabe por não conseguir lançá-las
Em meio à sequeidão do solo que sempre pisara
Molhando de poeira os pés daquele que nunca
ousou

Porém, descobrira a mola propulsora
Que poderia alavancar seus sonhos
E tudo começaria com um único e destemido
verbo:

Tentar...

A Chave da Felicidade

Passei de ônibus durante uma viagem por uma cidadezinha de uma rua só, com casas de arquitetura antiga — alpendres, namoradeiras à porta da sala. Cinco ou seis comércios que me chamaram a atenção por seus nomes: Bar do Tião Mulato, Drogeria Santa Amália, Bazar do Trem Bão, Casa dos Tecidos e a que me prendeu os olhos, Chaveiro São Pedro — Aqui Abrimos Até a Porta do Céu!

A rua em questão era a que dava na rodoviária do distrito, e como era o costume, ali ficaríamos por uma hora, para que o motorista, e quem mais quisesse e pudesse, almoçasse no restaurante do local.

Desci do ônibus, fui ao banheiro, tomei um refrigerante e me dirigi ao Chaveiro São Pedro, para trocar umas palavrinhas com o proprietário.

Assim, depois de um cordial bom dia, seguido das apresentações, pude, com a permissão do senhor Calixto — Pedro Calixto —, espiar aquele ambiente, com quadros de chaves, ferramentas de precisão, arcos de pua pendurados, diversos modelos de alicates e uma centena de apetrechos jogados num balcão de madeira, mas que devido ao vidro (sujo e com uma parte quebrada, “restaurada” com fita adesiva transparente), roubava minha atenção. Quanta quinquilharia havia ali.

No centro da vidraça restaurada, um dizer, formado por palavras fascinantes, que me impactaram. O texto assim dizia:

FAZEMOS QUALQUER TIPO DE CHAVE:

De Cofre, Porta de Carro, de Casa, de Porão

Chave de Baús, Arcas, de Painéis de Força

Chave de Motocicletas, de Fechaduras em Geral

Aqui Fazemos Até a Chave da Felicidade!

Realmente, aquele texto, com o pretexto de vender o tal serviço, cumpria ali o seu papel. Mas aqueles últimos dizeres, talvez de forma proposital, fazia, penso eu, qualquer ser humano, o menos curioso possível, ainda assim, indagar seu Calixto por aquele serviço, aquela chave!

E eu, já ambientado há uns dez minutos ali, não deixaria essa oportunidade (talvez única) passar.

Com o olhar de menino que encara um embrulho de presente no Natal, sabedor da possibilidade de encanto ou decepção, roguei ao Sr. Calixto uma explicação:

— Chave da Felicidade? O Sr. faz mesmo? E é muito cara, Sr. Calixto?

Aquele senhor, nos altos dos seus setenta e poucos anos (presumo eu), me deixou perplexo e boquiaberto ao me responder sobre a minha curiosidade:

— Sabe, meu jovem, este cartaz foi meu neto quem fez. Pedi a ele que bolasse uma propaganda para explicar de forma a se entender meu pequeno trabalho, aliás, minha grande missão, para ser mais fiel ao que pedi a ele. Disse que queria algo que deixasse o cliente com a certeza de que estava no local certo, que explicasse bem que aqui se faz qualquer tipo de chave, dos tamanhos e formatos que for pre-

ciso. Além da confecção das chaves, me comprometia a abrir qualquer tipo fechadura.

Continuou me explicando:

— Meu intuito era dispensar perguntas, digamos, inúteis, tais como:

“O senhor abre porta de blindex?”

“Abre gaveta de armário antigo?”

“O senhor abre isso, aquilo?”

— Bom, ele fez esse pequeno texto e me convenceu que era o bastante, o necessário para expressar meu trabalho. Como deve ter percebido, o cartaz já está meio amarelado, pois já está colado aí há uns vinte anos. Meu neto já não mora mais aqui, foi para a capital. Virou doutor. Formado em psicologia, estudou fora do país, é reconhecido pelos companheiros da área, escreveu dezenas de livros, é colunista de não sei quantas revistas. Fala, ouve e debate sobre o tema felicidade sempre.

Tive que, pelo passar dos minutos e a proximidade da partida do meu ônibus, interromper o Sr. Calixto, querendo adiantar o final da história, tão comum, dos entes que abandonam suas famílias, e deixam, como marca da saudade, uma foto, um bilhete, um cartaz...

— Já sei o fim dessa história — **eu lhe disse.** — Não precisa mais sofrer com suas lembranças, meu senhor. Peça-lhe desculpas. E se me permitir, dou-lhe um conselho: arranque esse pequeno cartaz daí, talvez assim, outro indevido como eu não mais o faça

ter que recontar essa passagem.

O velho, com um brilho nos olhos que refletia a verniz fresco, encarou-me e sorriu. Depois continuou:

— Engana-se, meu rapaz. Engana-se muito.

E eu, misturado ao misto de sentimentos: dúvida, vergonha, curiosidade, espanto, respeito e outros mais, acenei ao motorista do ônibus que buzina e gritava comigo lá da rodoviária, a permissão que partisse. Resolvi ficar ali e ouvir o restante daquela história, daquele cartaz.

Voltei, sentei-me novamente no banco feito de madeira de caixote, e agora, com a certeza do porquê daquela parada ali, continuei a ouvir.

— Como dizia, meu rapaz, engana-se. Meu neto não passa um só final de semana sem me visitar, a não ser que um congresso ou por força do trabalho não possa vir. Mas sempre se programa para ter os finais de semana livre, para estar aqui comigo.

Vem com sua esposa, meus dois bisnetos, traz sua mãe, meu genro. Passamos o sábado e o domingo juntos, felizes, contando nossos casos. Ele de seus pacientes, eu dos meus clientes.

Acabamos por descobrir que os anseios de seus pacientes e de meus clientes se equivalem.

Ambos querem abrir algo: um baú velho, cheio de lembranças esquecidas; talvez a porta de um quarto que fora regado de momentos inesquecíveis; o cofre de segredos que nem tanto valor tem, mas devido ao trancafiar seja tão cobiçado.

Abrir e descobrir respostas, perguntas, tantos

porquês e tantos senões. A vida é toda trancada, toda cercada de correntes e cadeados, necessitamos de chaves e segredos de que, muitas das vezes, não dispusemos.

Vamos, na medida do possível, quebrando, ao invés de abrir, as portas e as fechaduras de nós mesmos, e quando permitido ou não, as dos outros também.

Esse descobrir, ou redescobrir as coisas, vai assim nos deixando, ora felizes e surpresos com o que se encontra, ora frustrados e decepcionados com as coisas de tão pouco valor.

Quando não conseguimos encontrar as coisas abertas, e/ou não conseguimos quebrá-las, procuramos um chaveiro, um alguém capaz, com ferramentas apropriadas, de executar tal serviço.

Eu realmente estava extasiado, completamente envolvido e enriquecido por aquele momento.

Sr. Calixto, continuava:

— Sabe, meu jovem, achava eu ser apenas um velho ignorante, um matuto sem estudo, sem oportunidades. Mas, com o esforço árduo dos meus pais fui abrindo os caminhos dessa minha vida, achei durante esse caminho outras chaves mágicas: minha esposa, minhas duas filhas, meu neto, outra neta; alguns amigos que por vezes me fizeram entrar onde realmente achava ser inviolável.

Quando observo esse molho de chaves que carrego, vejo e entendo a importância de cada uma, o porquê de cada uso.

Se quiser mesmo entender sobre um ofício, seja o do chaveiro ou do psicólogo, de um constru-

tor ou de um demolidor, enfim... Se quiser mesmo entender sobre essa coisa chamada vida... tem que abrir essa coisa, tem que ver o que há lá dentro, ou se está vazia. Assim, há a possibilidade que ainda que se guarde algo.

Não hesite em buscar, em tentar, em ajudar, em procurar, em devolver, em ser a chave dessa coisa. Entende, meu rapaz?

Com a coisa esplendidamente renovada, acenei um gesto de consentimento. Agradei a oportunidade, prometi voltar, olhei para fora do pequeno estabelecimento, o sol nunca me parecera tão belo, as nuvens com um azul jamais imaginado.

Levantei-me, com a certeza de ter aprendido uma das mais belas lições que podia ter.

Quando já quase ultrapassava a porta em direção àquela nova oportunidade, o Sr. Pedro Calixto, ainda, imagine, me disse:

— Obrigado, meu jovem! Muito obrigado.

Intrigado, confuso e surpreso, o repreendi:

— Meu senhor, não tem que agradecer nada. Apreendi hoje algo que jamais esquecerei. Na verdade, algo que mudou minha vida, ou o meu jeito de encará-la. Talvez ainda pela emoção que me toma, não consigo explicar o que realmente fez por mim.

Olhei de novo o cartaz colado na vidraça e procurei resumir o que aquele sábio homem me fizera:

— Sabe, entendi agora o intuito do senhor e de seu neto. Seguem à risca o que se propõem. O senhor realmente é um belo profissional, fez para mim hoje o que disse naquele cartaz.

Fez e me entregou a chave da felicidade!

Ele, calmamente, depois de tudo que já falara, só então se sentiu por satisfeito ao me dizer:

— É... Aprendeu algo, eu sei. Porém, ia saindo sem a maior lição. Como bem relatado no cartaz, fazemos aqui qualquer chave, inclusive a da felicidade. Mas, tem que entender a sua parte nesse trabalho todo.

Sem verdadeiramente entender, e novamente inquieto com meu despreparo, ouvi a última e mais sublime lição:

— Aqui, meu rapaz, não fabricamos chaves. Não! Só fazemos cópias... E quem traz as originais?

Tem mais “lá”...

É preciso aguardar a felicidade

Mas não por muito tempo.

Se ela não chegar,

vá ao encontro dela.

O caminho?

Siga os instintos do coração,

Ande nos rastros das pessoas de bem que você
conhece.

Todas elas não deixam suas pegadas por acaso,
deixam para que você as siga.

Você também deixará demarcado

O rumo para aqueles que lhe admiram.

Insista com você mesmo,

Na arte de sorrir, mesmo que não pareça haver
motivos.

Sorria pela falta deles.

Comemore o espaço deixado para que os mo-
tivos

Se aconcheguem na morada arejada
E espaçosa que você preparou.
A insistência em sorrir não será mais necessária,
Isso se tornará comum no seu dia a dia.

Porém, se mesmo assim
A felicidade ainda parecer algo que não lhe per-
tence,
Que não seja da sua guarda

Ignore-se!
Desacredite de você mesmo.
Porque, sinceramente
Impossível mesmo é viver cercado só de tristeza,
Só de desilusão,
Só de melancolia.

Pois só o fato de estar vivo
E poder a todo instante ser contemplado
Com uma nova brisa no nosso rosto,
Além de nos refrescar e arrefecer a nossa estada
Nos dá a certeza de ventos mais adiante,
Que movimentam em nossa direção

Trazendo a certeza de que há algo também ca-
minhando,

vindo ao nosso encontro.

Quer saber o que é?

Vou estragar a surpresa então:

É a tal da felicidade!

Acabei de passar por ela.

E a deixei ir,

Continuar o caminho em sua direção

que segue o mesmo rumo que eu.

Então aproveite!

E depois a deixe passar para os outros que nos
seguem.

Adiante tem mais,

com certeza!

Pois ela só chegou a mim

porque alguém a deixou passar

e continuou seguindo.

Sempre caminhando,

Cruzando com as felicidades
E não se apropriando delas,

Pois, tem mais “lá”...

A “sapataria”

Lembro-me de quando consegui o primeiro emprego na sapataria da cidade. Nossa! Não sei o porquê, mas era quase um sonho trabalhar naquele empreendimento do nosso pequeno município.

Ainda criança, ficava admirado junto ao muro de casa, observando os trabalhadores e trabalhadoras passando felizes para a ida ao trabalho, já que minha casa era parte do trecho para se chegar ao destino mencionado.

Sempre estavam sorrindo, alegres, contando piadas, abraçados, empurrando suas bicicletas em vez de montar nelas, pois pareciam querer estar sempre unidos, chegar e sair juntos, sabe?

Fui tão bem recebido. Pelos mais antigos (uns já estavam ali desde a fundação) e também pelos da minha época, que também pareciam ter a mesma energia e o meu mesmo propósito.

Quando me entregaram meu uniforme, após o período de experiência, foi uma comoção em minha casa: meu pai, minha mãe, irmão, tios, namorada... enfim, todos ficaram felizes com a minha tão sonhada vestimenta.

Amizades verdadeiras foram ali construídas e muitos sonhos realizados: casamento, filhos, casa própria, padrinhos, compadres, até um carrinho a família já possui.

Que equipe éramos!

Fomos juntos passando pelos departamentos da sapataria: ajudantes de moldagem, corte, cola-gem, arremates, limpeza, embalagem, distribuição, venda... Enfim, mediante o esforço e empenho de cada um, todos iam conhecendo e aprimorando suas habilidades e galgando seus melhores espaços.

Continuávamos sendo uma equipe fantástica.

Com o advento da modernidade, a tecnologia, a globalização, os selos de qualidade, a busca por uma melhora na padronização, a sapataria passou por mudanças. Muitas delas acertadas, porém algumas que infelizmente parecem ter tirado daquele lugar o seu maior tesouro: a magia daquela equipe.

Só para citar um exemplo, vou falar do nosso chefe. Também prefiro a expressão líder, porém, devido aos cursos de enquadramentos, aos novos conceitos de gerência, as diretrizes de mercado... Ah! São tantas as explicações...

A chefia mudou de rumo mesmo.

Zé Resenha (apelido carinhoso do nosso colega de trabalho) ingressou na empresa pouco antes de mim. Sempre fora um companheiro de primeira hora: bom de papo, inteligente, aglutinador, brincalhão, de pensamento coletivo... muito coletivo, organizava o futebol, as festinhas, uma ajuda a quem necessitasse, tratava a todos com muito respeito e sabia todos os processos de todos os produtos, das sandálias aos mocassins, dos esportivos aos clássicos.

Sendo assim, Zé Resenha foi ganhando posto de comando e chefia, por mérito e por ser alguém tão imprescindível para aquela equipe.

No entanto, algo mudou.

Hoje, o Sr. José de Moura não é mais o nosso Zé Resenha.

Talvez por uma imposição do mercado, talvez pelas diretrizes da agora rede de sapatarias, talvez pela exigência da qualidade. Quem sabe, talvez, até por culpa nossa, da nossa equipe mesmo.

Não sei.

Já há quase trinta anos na sapataria tenho muito a agradecer o que dali foi conquistado. Porém, sinto que mesmo tentando manter a essência daquela criança que sonhava em ser sapateiro, algo se perdeu.

Tenho buscado filosofias, autoanálise, referências para tentar achar o motivo desse desencanto.

Nossa equipe, agora um pouco, digamos, dividida pelo distanciamento dos setores, ainda é uma grande equipe. Continuamos a confeccionar e a entregar os melhores sapatos. Mesmo com o aumento expressivo da concorrência.

Já ouvi em diversas crises que passamos sobre o fechamento da fábrica, mas continuamos ali a fazer o que tanto prezamos.

Ontem, foi nosso encontro de final de ano.

O Sr. José de Moura não foi, e também da diretoria ninguém apareceu. Não ajudaram nos preparativos, não assaram churrasco, não riram, não beberam, não ficaram fora do ar, não deram bobeira, sabe?

E isso realmente me entristece.

O Sr. José de Moura continua sendo um exemplo a se seguir. Uma referência de um ser humano

de sucesso, ótimo pai de família, excelente cidadão, profissional muito responsável.

Mas, às vezes, sinto falta do Zé Resenha.

Só para amolecer um pouquinho o andar dos sapatos do Sr. José de Moura, que, acreditem... ainda são sapatos “feitos por nós”.

Transformação

Mudei meu jeito de ser
O meu jeito de olhar até para mim mesmo.

Das marcas de sofrimento,
Tracei novas linhas em minha face
E desenhei um novo sorriso.

Dos passos dados em falso
Tirei ensinamentos que moldam o meu novo caminhar.

E como a nova estrada me surpreende!
Em cada trecho
Ainda que torpe e dificultoso,
Já consigo vislumbrar algumas flores
Que sempre estiveram ali,
Mas não parava para apreciá-las.

Consigo novamente enxergar
O encanto que parecia extinto
E como é bom se encantar consigo próprio.

Transformação...

Do corte de cabelo

Do novo penteado

Do modo de se vestir.

Tudo isso me fez bem, confesso.

Mas nada se compara ao que me tornei por dentro.

Daqui em diante,

Sei que às vezes o que parecia impossível e foi alcançado,

não o foi porque de repente ficou fácil.

Talvez, eu realmente melhorei nas minhas tentativas.

Esse tentar carregado de esperança e positividade

É o que me move agora

E pode, além de me transformar,

Fazer com que eu transforme o que acho estar errado.

Cada novo aprender vai me deixando mais forte
E conseqüentemente
Mais feliz com essa transformação,
Que não se encerra no fim do dia.
Apenas descansa
Para que no dia seguinte
Venha forte e brilhante como o sol
Que segue a iluminar cada,
Agora,
Tão importante passo.

Esse transformar me faz refletir que
Muitas das vezes somos só um esboço,
Um rascunho do que pretendíamos na verdade
ser.
Isso não nos faz perder o título de obras de arte.

Afinal,
O que torna bela uma figura
Não são o preenchimento e a combinação das
suas cores,

Mas, sim,
O olhar e o entendimento de quem a aprecia.

Em frente ao meu portão

Parado em frente ao portão de casa, resolvi observar um pouco o que acontecia na rua, já que o normal sempre é chegar, fechá-lo e não notar o que acontece tão perto de mim. Ali, alguns meninos de diferentes idades (mas que não passava o mais velho de doze ou treze anos), jogando bola. Gol feito com duas pedras, linhas laterais sendo a divisa do meio fio à calçada, uns com tênis surrados depois de tantas partidas (presumo eu), um ou dois completamente descalços, mas sem medo de dividir nenhuma jogada.

Relembro minha infância e deixo-me envolver por aquela oportunidade de contemplar um jogo à moda antiga. Muitos lances me chamam a atenção, dribles desconcertantes, passes milimétricos executados, faltas que geram alguma dúvida e um chororô da equipe adversária. Enfim, um jogo com todas as nuances de uma partida oficial, em um estádio completamente lotado, imprensa de vários lugares discutindo cada lance etc...

Um dos garotos, com corte de cabelo igual ao craque da atualidade, mostra uma habilidade como a do astro em questão, e com a bola faz maravilhas! Esse, sim, joga como se ali não fosse uma rua, mas sim um estádio lotado de torcedores que vieram lhe admirar. Chega a se autonegar o próprio jogador tão famoso na atualidade, e brinca de jogar bola com uma desenvoltura de encher os olhos.

Minha atenção ao jogo é tirada por um casal de pássaros que passa sobre o campo. Não sei ao cer-

to a espécie, mas voam quase que lado a lado, num voo que prima pela beleza e a suavidade. O macho, com dois ou três galhos firmes no bico, e a fêmea ali, como que protegendo ou cortejando aquela trilha. Vão até o alto de um poste, situado próximo à casa do vizinho da frente. Param e se equilibram num espaço minúsculo, mas que parece ser maior, devido à facilidade e à agilidade do macho em, de um lado para o outro, ir ajeitando aqueles pequenos galhos, que vão se transformando num novo ninho, que em breve, arrisco eu, irá ser o aconchego de seus filhotes.

O que mais impressiona, e mesmo à distância é perceptível, é a expressão da fêmea ao acompanhar com os pequenos olhos cada movimento do seu companheiro!

Um semblante de carinho e gratidão pelo feito do esposo, que revela a realização de um sonho que vai se tornando realidade, pouco a pouco, sem pressa. Um brilho mágico é irradiado de seu pequeno olhar.

Repetem, em direção agora contrária, seguindo o mesmo trajeto sem nenhuma fração de erro na direção, outro voo a dois, em busca de mais matéria-prima para a construção de sua morada. Acompanho-os, chego a ficar na ponta dos pés para não os perder de vista, mas é em vão. Somem do meu campo de visão, e mesmo de longe, antes de os perder por completo de vista, admiro o voo em dueto, de sincronia e evolução que passam a certeza do caminho correto para a realização do feito.

Relembro meus sonhos e minhas conquistas até aqui. Viajo nos meus pensamentos, mas volto à realidade, depois de um gol, um gol não, segundo

os gritos da garotada da rua, um goloço! Feito pelo menino com o penteado do ídolo, dos pés descalços que não sentem falta das chuteiras.

Ele corre em volta do campo com os braços abertos, como o voar de um pássaro, seguido pelos passarinhos do mesmo time que comemoram tal feito.

Mas outra vez o que me chama a atenção não é o gol, e sim, o voo sincronizado e alegre daqueles “passarinhos da bola”.

O que novamente me fascina é o brilho no olhar daquele pequeno artilheiro. O mesmo brilho, idêntico mesmo, ao dos pássaros que há instantes, há pouco, me dava a certeza de que os sonhos verdadeiramente se realizam!

Tudo isso ali, parado em frente ao meu portão.

Esperança

Quero correr pela rua sem me preocupar com
o tráfego,

Seguir sem um destino certo,

Mas ir em frente,

Aproveitando o movimento contrário

Que o vento faz e acaricia minha face.

Quero sorrir quietinho,

Sem excesso no volume da tímida gargalhada,

Como se estivesse frente a um hospital ou a um
templo,

e o barulho do silêncio fosse o único som ad-
missível.

Mas não contarei o momento sublime

Da felicidade que ora sinto,

Aproveitarei cada gota que tenho nesse lago

que se põe à minha frente.

Tentarei entoar uma bela canção,

Mesmo que eu não saiba a letra

Que a melodia sirva para encantar a quem possa

merecer,

E, se possível,

Que se torne uma balada frenética com passos
simples

E de gosto apurado a todos que ousem bailar.

Quero brincar com coisas imagináveis,

Como formar “bichos e objetos” das nuvens

Que passeiam sobre minha aura.

Fazer da brincadeira coisa séria,

Que sirva de referência para teses e doutora-
dos,

porém, que nunca se tornem documentos ou
dossiês,

apenas sejam estripulias de um menino feliz.

Quero adormecer quando a noite chegar,

E, se preciso for,

Acordar só para apreciar a morada de São Jor-
ge

mudar de lugar em meio à estrada.

Se conseguir, esperarei mais um pouco,

Para ver o Astro Rei chegar

Para o seu reinado diário

Com a luz e a energia que mereço.

Quero então correr,

Sorrir,

Cantar,

Brincar,

Dormir e acordar.

Ver e entender o que de fato acontece a minha volta.

Tudo sem uma ordem sequencial,

nem um tempo determinado.

Apenas seguir junto com cada acontecimento,

Fazendo parte dele,

Ou, às vezes, sendo o próprio acontecimento.

Porém,

Tudo com um único objetivo:

Ser e fazer felicidade por onde eu possa passar.

Inundado durante a caminhada

Por essa coisa

Chamada esperança...

Escritores falam sobre Ton

O carteiro sempre impressionou-me. Ele trazia as cartas e elas tinham uma importância existencial. Quando li «O carteiro e o poeta», sobre as relações de Pablo Neruda e o carteiro, fiquei mais encantado ainda com a relação entre o carteiro, o poeta e a poesia... Mas não consigo descrever o que passei a sentir quando descobri que batia sempre em meu portão não apenas um carteiro levando cartas para um aprendiz de poeta, mas era o carteiro-poeta ou o poeta-carteiro que queria sempre dizer a mim que a poesia é a energia vital que nos imortalizar e remédio para apagar os males e restaurar o amor.

Obrigado, Ton, meu poeta-carteiro pelas lições da poesia.

Hermes Honório da Costa

Escritor, professor aposentado e membro da Academia Araxaense de Letras

Entusiasta e amante da cultura, cidadão atuante transbordando de ideias, um apaixonado pela literatura, assim é o Ton em seus vários papéis que a vida encarregou de lhe atribuir: pai, marido, amigo, apresentador, carteiro e poeta. E toda essa bagagem se traduz agora no seu primeiro livro, reunindo poesias e crônicas, fruto do seu cotidiano.

A obra é a mais nova contribuição à literatura araxaense, intercalando com sabedoria, poesia e crônicas. Parabéns Ton, por lutar pelos seus ideais. Seu livro sonhado, imaginado, idealizado agora é realidade.

Luiz Humberto França

Escritor, curador do FliAraxá e presidente da Academia Araxaense de Letras.

Conheci Ton, carteiro e poeta, através de Antônio Nogueira Lima Júnior, o Toninho. Ambos afeitos à poesia, à música, às frases de autores geniais; dividiam uma admiração mútua. Presencialmente, nosso encontro aconteceu há pouco, sob a inspiração de inúmeras lembranças, as mais ternas. Fragmentos de histórias pessoais com saudade, agora ocupam nossos diálogos. A literatura é o mote que nos une e leva-nos a sonhar com o mundo dos livros e das emoções. Aplausos às suas crônicas e poesias reunidas neste primeiro livro. Que venham os próximos! Em breve, chegarão!

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Historiadora, pesquisadora, escritora e professora aposentada.

Ton Carteiro carrega consigo uma tradição antiga, nascida na idade média. Como os menestréis e os trovadores, o poeta vai, de casa em casa, levando poesia e espalhando simpatia (e, entre um dedo e outro de prosa, entrega muitas cartas, pacotes e encomendas variadas). Nessas andanças, colhe o precioso material que compõe a sua escrita.

Rafael Nolli

Escritor, professor e curador do FliAraxá

“Uma grande experiência adquirida no contato diário com as pessoas, prestando um serviço extremamente importante, levando e trazendo mensagens, principalmente colocando a gentileza em primeiro lugar. Encontros e partidas fazem parte da vida, e nessas andanças tive o prazer de conhecer esse verdadeiro irmão: Ton Araxá (o mister gentileza), guardado no lado esquerdo do peito com respeito e admiração.

Que esse livro possa fazer parte de uma história que apenas começa na literatura”.

José Antônio Luiz Filho, o Zé Antônio da rádio Imbiara

A N D A N Ç A S

“Andanças” é, antes de mais nada, o testemunho de alguém que celebra a vida – e é assim que eu vejo meu amigo Ton. Alguém que se deixa “inundar” em suas caminhadas, como ele mesmo diz, por “essa coisa chamada esperança”. Não é o otimismo ingênuo dos que se negam a reconhecer o que dói e nos faz sofrer. Ton caminha com os passos firmes de quem sabe que viver é transitar entre a luz e as sombras, a felicidade e a melancolia.

Seus deslocamentos como carteiro e como poeta são guiados pela mesma sensibilidade e pelo mesmo olhar atento de quem se recusa a simplesmente passar pela vida. Cada pessoa merece ser de fato conhecida, cada cena pede para ser realmente vista e cada esquina pode trazer uma história. Um voo de pássaros, uma antiga sapataria, o diálogo com um chaveiro, uma brincadeira de criança, um mergulho dentro de si mesmo, uma lembrança nostálgica... cada andança é traduzida em palavras e cada palavra é carregada de sentimentos. Ton não tem medo de sentir.

Abraça a vida e nos convida a fazer o mesmo. Ele sempre foi assim como pessoa.

Agora, estreando como escritor, não poderia ser diferente.

Leila Ferreira
Jornalista e escritora

ISBN: 978-65-999439-0-4



APOIO CULTURAL

PAPELARIA REGIONAL